

# MINISTRO EUCLIDES QUANDT DE OLIVEIRA

CLAUDIO DA COSTA BRAGA\*

Capitão de Mar e Guerra (RM1)

---

## SUMÁRIO

Introdução  
Início da vida naval  
Seus momentos durante a guerra  
Vida civil  
No ministério das comunicações  
Momentos, selecionados por ele próprio, que marcaram sua vida

## INTRODUÇÃO

Em 28 de março de 2013, na comemoração do Dia das Comunicações Navais da Marinha do Brasil (MB), a festa foi abrilhantada pela presença, como convidado especial, do Capitão de Mar e Guerra Euclides Quandt de Oliveira, ministro das Comunicações no período de 15 de março de 1974 a 15 de março 1979, no governo do Presidente Ernesto

Geisel. Antes, no governo do Presidente Castelo Branco, foi presidente do Conselho Nacional de Telecomunicações (Conutel) e em 1972 foi o primeiro presidente da recém-criada Telebras.

A cerimônia homenageava o Vice-Almirante Tácito Reis de Moraes Rego, Patrono das Comunicações Navais da Marinha do Brasil. A adiantada idade de 93 anos do ministro Quandt de Oliveira, somada à longa distância do Rio de Ja-

---

\* Autor de diversos livros, com destaque para: *A Guerra da Lagosta, O Último Baile do Império, 1910 – O Fim da Chibata – Vítimas ou Algozes?*, *Tamandaré nas Guerras da Independência e Cisplatina e A Administração Naval do período de 1889 até o início do Governo Prudente de Moraes.*



Euclides Quandt de Oliveira,  
ministro das Comunicações

neiro, pois morava em Petrópolis, não foi impedimento para que aceitasse o convite e se fizesse presente nas comemorações do Dia das Comunicações Navais.

Posso afirmar que foi uma grande satisfação para todos. Primeiramente para o ministro, que teve a oportunidade de se confraternizar com amigos de longa data, já que a distância e a idade avançada tinham se tornado um empecilho para encontros sociais “marinheiros” no Rio de Janeiro, que tanto marcaram a sua vida naval. Satisfação também para todos nós, das áreas de Comunicações e Tecnologia da Informação, por podermos desfrutar da companhia de tão ilustre pessoa, representativa das nossas atividades de trabalho na MB. E em especial para mim, que há tantos anos exerço atividades na área das Comunicações Navais, agora incorporada com os avanços da Tecnologia da Informação (TI), que pude recebê-lo e acompanhá-lo em todo o evento e, com isso, desfrutar de diálogos e recordações que a saudade contribuiu

para que ele comigo compartilhasse. Foram poucas horas, mas muito agradáveis e engrandecedoras em conhecimentos e detalhes por ele vividos quando ministro das Comunicações.

Há muito tempo iniciei alguns escritos sobre o Comandante Euclides Quandt de Oliveira e somente agora resolvi terminá-los, não com o viés de um pseudo-historiador, mas sim descrevendo palavras do próprio historiado. Diversos foram os militares da MB que se destacaram, também além do círculo da Força, sendo um deles o Comandante Quandt de Oliveira, sobre quem nestas poucas linhas pretendo discorrer.

Dividirei a descrição da vida do Comandante Euclides Quandt de Oliveira em três partes significativas, divisão que ele próprio fazia: do seu nascimento até entrar para a Marinha do Brasil; na Marinha do Brasil; e após sua saída da Marinha do Brasil.

Na primeira parte nasce o pequeno Euclides, no bairro do Andaraí, Rio de Janeiro, em 23 de novembro de 1919. Filho de Ignácio Francisco de Oliveira e Ida Quandt de Oliveira, ele engenheiro de ferrovias e filho de fazendeiro do café em São Mateus, no Espírito Santo, e Dona Ida filha de agricultores imigrantes alemães na área rural de Joinville, Santa Catarina. Seu pai era 30 anos mais velho que sua mãe e faleceria quando Euclides ainda era jovem, com 13 anos. Pai e mãe se conheceram quando Ignácio fora trabalhar em uma ferrovia em Santa Catarina.

Euclides era o caçula de cinco irmãos, todos homens. Iniciou seus estudos na Escola Goiás, no Encantando, bairro em que seu pai estabeleceu a residência da família, priorizando a escolha a uma outra casa na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, esquina com Sá Ferreira, com o mesmo tamanho e preço.

Após os cinco anos do Curso Primário (como era denominado na época, hoje parte do Ensino Fundamental), em 1931 prestou concurso de admissão ao Ginásio (hoje da 5ª à 9ª série do Ensino Fundamental), ingressando no Colégio Pedro II após se classificar em 1º lugar. Ele consideraria este o maior êxito escolar da sua vida.

No entanto, seu pai o matriculou no Colégio Nacional, na Estação de Todos os Santos, próximo à casa no Encantado. Em junho de 1933 faleceria seu pai, de tuberculose, ficando a família em situação financeira bastante precária. No final do terceiro ano ginasial, sua mãe não podia mais custear seus estudos, que não foram interrompidos graças a bolsa de estudo recebida do Colégio Nacional. Também fora marcante a sua infância, muito isolada em seu quintal, restrita das brincadeiras nas ruas com outras crianças de sua idade. Somente quando na escola primária passaria a ter mais contato com outros colegas, no período das aulas. No Ginásio, o relacionamento com outros amigos fora maior, principalmente pelo fato de o horário escolar se estender das 9 às 16 horas.

Salutares são suas lembranças de Itacuruçá, cidade na Baía de Sepetiba, que passara a frequentar em decorrência de prescrição médica, a fim de exercitar os pulmões com a natação. Nessa época, relata Euclides, era muito magro, e graças às práticas de exercícios que ali realizara houve uma mudança sensível em seu físico, tornando-se alto e forte. Itacuruçá marcaria para o resto da sua vida os 12 anos maravilhosos que lá frequentara.

## INÍCIO DA VIDA NAVAL

Ainda no Ginásio, seu desejo era estudar Medicina. Em decorrência do aperto financeiro que a família passou a viver

após a morte de seu pai, tal sonho seria postergado, pois, terminando o curso ginasial, fora procurar emprego como balconista de loja.

Por influência da prima Eurídice, muito amiga de sua mãe, casada com o Almirante Américo Vieira de Mello, sua vida iria mudar. Em novembro de 1936 foram visitá-la na Ilha das Enxadas, na época sede da Escola Naval, dirigida pelo Almirante Américo, que lá morava em residência funcional. Durante a visita, pôde participar de uma cerimônia de recepção de guardas-marinha franceses, todos fardados de branco, o que o deixara muito bem impressionado e estimulado para entrar naquela escola. Faltavam apenas três meses para o concurso. Grande foi seu esforço, conseguindo sucesso e passando em sétimo lugar.

Em 1937, o curso seria na Ilha das Enxadas; em 1938, na nova Escola Naval, recém-construída, na Ilha de Villegagnon. O período escolar foi de cinco anos, entremeados com viagens de instrução em navios da Marinha de Guerra, como era então denominada.

Quando cursava a Escola Naval, por intermédio e influência de Nilza, cunhada do seu irmão, iniciaria um namoro com Maria de Lourdes. A ela sempre se referia com muito carinho, reconhecimento e amor. Relutara muito em ser a ela apresentado por considerá-la de condição social muito superior à sua. Maria de Lourdes era filha do General Pedro Aurélio de Goes Monteiro, que, na época, tinha destaque tanto na área militar como na política. O namoro, que era somente aos sábados e por poucas horas no cinema, na Cinelândia, prosperou e, anos mais tarde, vieram a se casar. Em suas palavras, definia Maria como “a mulher da sua vida”, sempre referindo-se a sua eterna companheira com muito carinho.

Em 24 de dezembro de 1941, foi declarado guarda-marinha. Após vários cursos expeditos, em 6 de abril de 1942, embarcou no Navio-Escola *Almirante Saldanha* e, em 19 de julho, iniciou viagem de instrução para Montevidéu. O mundo estava em guerra. Nesse porto, uma notícia triste abateu os guardas-marinha: a da morte da mãe do amigo, e também guarda-marinha, Carlos Auto de Andrade. Ela estava embarcada em um navio de passageiros torpedeado nas proximidades da costa do Nordeste. Carlos Auto de Andrade alcançaria o posto de almirante de esquadra e seria ministro do Superior Tribunal Militar.

O regresso do *Almirante Saldanha* já seria em outras condições, agora como navio de guerra, não mais pintado de branco, mas sim de cinza.

## SEUS MOMENTOS DURANTE A GUERRA

Em 13 de outubro de 1942 atracaram no Rio de Janeiro. Em 16 de outubro foi nomeado segundo-tenente e em 22 embarcou no Tênder (navio-oficina) *Belmonte*, onde assumiu a função de encarregado de Comunicações. Em 26 de janeiro de 1943, o *Belmonte* partiu para o Recife, escoltado pelas corvetas *Carioca* e *Rio Branco*, chegando em 2 de fevereiro, quando foi incorporado à Força Naval do Nordeste.

O Tenente Quandt não estava satisfeito com a função que exercia. Desejava embarcar nos navios de guerra que faziam as escoltas dos demais navios. Assim, em 28 de março foi movimentado para a Corveta *Carioca*, após realizar o curso de ataque antissubmarino.

Em 6 de maio, quando de regresso ao Recife, foi novamente movimentado e retornou para o Comando da Força Naval do Nordeste. Sua vontade de voltar a servir

nos navios-escoltas seria atendida em 22 de novembro de 1943, quando embarcou na Corveta *Rio Branco*, assumindo a função de encarregado do Armamento e de oficial de Ataque Antissubmarino, até julho de 1944.

Como a guerra estava por terminar, ele e Maria marcaram o casamento para 12 de dezembro de 1944. Entretanto, mais uma vez seria surpreendido com uma movimentação inesperada, embarcando, em 9 de julho, no contratorpedeiro americano *Alger*, nos Estados Unidos da América (EUA), a fim de se aprimorar nas técnicas de ataque antissubmarino. Em 11 de setembro, desembarca do *Alger* para estudos e treinamento em Miami (EUA), para o recebimento de navios recém-adquiridos pela Marinha.

Em decorrência das incertezas que surgiam, ele e Maria adiaram o casamento para 4 de abril de 1945. A cerimônia aconteceu na Igreja de Nossa Senhora da Paz, no bairro carioca de Ipanema. Após o casamento e a lua de mel em Petrópolis, foram morar no Nordeste.

Em 11 de dezembro de 1944, já estava de regresso a Natal, com ordem para assumir funções no Recife. Como havia três anos que estava sem férias, estas foram autorizadas e gozadas no Rio de Janeiro, junto com seus familiares e sua noiva Maria de Lourdes. De regresso ao Nordeste, em 10 de janeiro de 1945, assumiria a oficina radar da base de reparos da Marinha dos EUA (US Navy) no Recife, pois, devido à proximidade do término da guerra na Europa, todo o pessoal técnico que nela trabalhava estava sendo transferido para a área do Oceano Pacífico. Terminada a guerra, todos os navios foram deslocados para o Rio de Janeiro, onde chegaram em 21 de novembro de 1945.

Em depoimento muitos anos depois, já recolhido em Petrópolis, Euclides Quandt

de Oliveira declararia que sua vida havia sido muito marcada pela guerra, em especial na parte técnico-profissional, em que trabalhara dia e noite na nova área tecnológica que foi a Eletrônica, pioneira na Marinha, da qual o comandante tinha muita satisfação de ter participado.

Em novembro de 1945 já estavam no Rio de Janeiro acompanhando a recuperação do sogro, General Goes Monteiro, que em outubro liderara a deposição do ditador Getúlio Vargas. Com o sogro se recuperando e Maria grávida de gêmeos, decidiram morar em apartamento ao lado dos pais de Maria, no Posto 6, em Copacabana. Sua nova função não seria mais embarcado e sim no Departamento Rádio da Diretoria de Eletrônica da Marinha.

Logo nasceriam os gêmeos Pedro e Euclides. Teriam ainda mais quatro filhas. A todo momento Euclides não deixa de externar elogios a Maria, como mãe extraordinária que criou e educou todos os filhos de forma elogiável; esposa excepcional, fora o suporte essencial para a sua vida. Após a morte de Maria, em 2004, sempre se referia a ela com muita saudade e amor.

Sua nova função, em maio de 1947, seria a participação da criação da Escola de Eletrônica no Centro de Instrução Almirante Wandenkolk (CIAW), para oficiais e praças. Foram dois anos de intenso trabalho e muito esforço, que ficariam marcados em suas memórias, considerando-se ele e seus companheiros como os pioneiros do ensino da Eletrônica na Marinha.

Com os filhos crescendo, a vinda de mais filhas e as restrições do sogro, mudaram-se todos, em 1948, para uma casa na Rua Adolfo Lutz, na Gávea. O Presidente Dutra, muito amigo do general (agora senador), ia toda semana conversar com ele.

Em agosto de 1950, assumiria a função de oficial de Eletrônica do Comando da

Flotilha de Contratorpedeiros, ocupando-a até o início de 1951. Em 25 de janeiro desse ano, seguiu para a cidade de Filadélfia (EUA), a bordo do Navio-Auxiliar *Duque de Caxias*, lá chegando em 12 de fevereiro, a fim de participar do recebimento do Cruzador *Tamandaré*, recém-adquirido pela Marinha. Nos EUA o navio era batizado de *Saint Louis* e possuía forte tradição pelo fato de ter sido um dos poucos navios que conseguiu desatracar de Pearl Harbour, quando do bombardeio japonês, e reagir ao ataque. O comandante designado do Cruzador *Tamandaré* era o Capitão de Mar e Guerra Paulo Bosísio, anos mais tarde ministro da Marinha.

Nesse tempo na Filadélfia, a família o acompanhou, estando agora aumentada para quatro filhos. Foram momentos difíceis para sua esposa, em decorrência dos longos afastamentos que a comissão impunha a Euclides. Nesse período, aconteceu uma lacuna em Washington, quando foi cedido para acompanhar seu sogro, agora ministro-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, numa negociação que o Brasil e os EUA elaboravam para estabelecer um Tratado Militar.

De volta ao Cruzador *Tamandaré*, este iniciaria uma fase operativa. A família voltaria ao Brasil, e Quandt só a encontraria cinco meses mais tarde. Seu período servindo no *Tamandaré* viria a ser definido por ele como um dos mais marcantes em sua vida naval.

Em dezembro de 1952 fora promovido a capitão de corveta, continuando a servir no navio até abril de 1954, quando embarcou na Diretoria de Eletrônica da Marinha. Seus dois anos na Diretoria de Eletrônica se encerrariam em fevereiro de 1956, quando fora nomeado comandante do Contratorpedeiro *Bracuí*, assumindo o comando em 24 de fevereiro. Seu tempo no comando do *Bracuí* seria reduzido,

pois em agosto de 1956 fora enviado à Inglaterra, acompanhado de outros oficiais, a fim de inspecionar um porta-aviões que a Marinha desejava comprar. Somente dois meses depois, em novembro de 1956, reassumiria o comando do *Bracuí*, mas logo passando o comando do navio, em 1º de dezembro de 1956.

Pouco antes de voltar ao Brasil, em 26 de outubro, seu sogro falecera. Ficaria alocado à Comissão Fiscal da Construção de Navios na Europa (CFCNE). Retornaria à Inglaterra em janeiro de 1957, como chefe da Divisão de Eletricidade, aqui também incluída a Eletrônica.

Depois de muita análise, decidiu-se pela compra do porta-aviões, designado *Minas Gerais*, sendo que o reparo e o preparo do navio seriam realizados no Estaleiro Verolme, próximo a Roterdan, Holanda. Sua família o acompanharia à Inglaterra e, seis meses depois, à Holanda, fixando residência em Haia por um ano e meio. No final da comissão, quando do regresso ao Brasil, fariam uma viagem pela Europa. Entretanto, ocorreu a necessidade de sua ida aos EUA. Esse regresso seria bem tumultuado: em dezembro nasceu sua sexta filha, Margarida. Em fevereiro de 1959, partiram de Haia, em trem, até Veneza, depois Florença, Roma e Nápoles, com seis filhos, sendo que Margarida estava com apenas dois meses. Em fevereiro de 1959, embarcou sua família em Nápoles com destino ao Brasil. Dois dias depois embarcou para Nova York, lá chegando em 10 de março. Regressaria à Holanda em 4 de abril e ao Brasil em 11 de maio.

Designado para comandar a Escola de Marinha Mercante do Pará, para lá embarcou em 1º de julho de 1959, chegando em Belém no dia 6. Foi nessa época, em Belém, que teve um desentendimento sério com o comandante do 4º Distrito Naval,

Contra-Almirante Ernesto Mello Batista. Foi ameaçado de prisão e, a partir daquele momento, não existiriam mais relações sociais entre os dois, apenas as obrigatórias e protocolares. Também nessa época, em Belém, travaria seu primeiro contato com o General Castelo Branco, comandante da Região Militar.

Em 20 de dezembro de 1960 retornariam ao Rio de Janeiro, onde iria realizar o curso de Comando e Estado-Maior. Ao retornar ao Rio, voltaram a morar na casa da Gávea, onde Dona Conceição, sua sogra, continuara residindo.

O ano de 1961 foi dedicado ao Curso de Comando e Estado-Maior, findo o qual foi indicado para ser instrutor na Escola de Guerra Naval, não tendo sido aceito pelo seu diretor, Almirante Aarão Reis, pelo fato de não se coadunar com as regras e práticas pedagógicas da Escola. Foi, então, designado para a Diretoria de Eletrônica da Marinha, apresentando-se para lá servir em 15 de janeiro de 1962, sob as ordens do Almirante Adalberto de Barros Nunes.

Em 22 de novembro de 1962, foi designado comandante da Força de Patrulha Costeira Sul. Esse comando seria muito curto, pois em 21 de dezembro, um mês depois, seria destituído em decorrência de ter solicitado seu desligamento da Ordem do Mérito Naval por discordar que Leonel Brizola fosse merecedor de tal honraria. Voltaria para a Diretoria de Eletrônica. Seguiram-se os períodos no Estado-Maior da Armada e como oficial de Logística da Esquadra, sob o comando do Almirante Adalberto, todas com permanência meteórica.

Em abril de 1964, Castelo Branco era o Presidente do Brasil; o Almirante Mello Batista, ministro da Marinha. Partindo a decisão do próprio Presidente e a desgosto de Mello Batista, que tentou de todas as formas impedir, foi servir no Gabinete

Militar da Presidência da República, sob a chefia do General Ernesto Geisel. Sua nomeação para o Gabinete Militar da Presidência da República aconteceria numa fase em que seus filhos estavam estudando em escolas e universidades no Rio de Janeiro. Assim, decidiu não levar a família para Brasília. Entretanto, todos os finais de semana vinha para o Rio de Janeiro.

No Gabinete Militar, o Comandante Quandt era o único com experiência em Comunicações e Eletrônica, sendo a ele levados todos os problemas referentes a esses assuntos, muitos deles na área das comunicações nacionais: a constituição da Embratel, a venda da Companhia Telefônica Brasileira (CTB), a urgente necessidade de se implementar uma eficiente rede telefônica em âmbito nacional e tantos outros. Euclides esteve envolvido em todos eles e mais tarde declararia que o seu envolvimento teria sido a principal razão para que, na saída do Gabinete Militar, tivesse sido designado para o Contel, após ser promovido a capitão de mar e guerra em 1965 e estar vaga a Presidência daquele órgão. Segundo Quandt de Oliveira, o Presidente Castelo Branco lhe dera três tarefas prioritárias a realizar à frente do Contel: promover a constituição da Embratel, sem mais perda de tempo; promover imediatamente a nacionalização da CTB; e promover a preparação e a implementação das normas de classificação de espetáculos de radiofusão. Em 14 de julho de 1965 assumiu a Presidência do Contel e em 16 de setembro foi realizada no Ministério da Fazenda, no Rio de Janeiro, a Assembleia de Constituição da Embratel.

Quanto ao assunto CTB, o governo decidiu adquirir todas as ações da companhia de posse da Brazilian Traction e, assim, passar a controlá-la. E deste modo foi tratado, ficando a Embratel como empresa de capital misto responsável pela transação.

Para a terceira tarefa, classificação etária dos programas de televisão, foi solicitada a cooperação do Juizado de Menores do então Estado da Guanabara. O Contel aprovou o trabalho apresentado pelo Juizado.

Durante a Presidência do Contel voltaria a morar no Rio de Janeiro. Em 9 de março de 1967 deixaria a Presidência do órgão e no dia 14 do mesmo mês assumiria o comando do Navio-Aeródromo Ligeiro *Minas Gerais*. Antes de assumir, contava o CMG Euclides Quandt de Oliveira que fora alertado de que havia uma oposição muito grande ao seu nome para a assunção do comando do *Minas* e que seria bem provável que o novo ministro da Marinha, Almirante Rademaker, que tomaria posse no dia seguinte, em 15 de março, poderia destituí-lo do comando caso assumisse. Nada aconteceu, e o Almirante Rademaker o manteve no comando.

Em 1º de abril de 1968, transmitiu o comando do *Minas Gerais*. Ao desembarcar, foi surpreendido com uma significativa homenagem de seus oficiais superiores, que o transportaram em um escaler remado por eles até o hoje conhecido como Cais da Bandeira.

Durante os próximos dez meses serviria na Comissão de Construção Naval da Marinha do Brasil. Durante o período servindo nessas duas Organizações Militares, seus filhos se casariam: Pedro com Marilena e Euclides com Maria Helena.

O ano de 1968 fora um ano angustiante no que se refere às questões financeiras. A família grande, seis filhos em universidade ou próximo a entrar, com despesas elevadas. Ao mesmo tempo, recebia notícias de amigos de que havia grupos que se opunham à sua inclusão no quadro de acesso ao almirantado. Ele não desejava deixar o serviço ativo da Marinha. Em depoimento, disse: “Eu estimava a Marinha de uma ma-

neira especial e a considerava como sendo responsável pelo meu progresso na vida. Refleti muito sobre a situação, sempre aflito com os problemas, mas os discutindo com a minha querida esposa Maria”.

Assim sendo, e após muito meditar e considerar, em 2 de janeiro de 1969 requereu a transferência para a reserva remunerada. Em 3 de março entregou as funções ao seu substituto e definitivamente deixou o serviço ativo da Marinha, “com muitas saudades e lembranças dos bons momentos vividos”, diria ele anos mais tarde.

## VIDA CIVIL

Logo surgiram convites para trabalhar. O amigo João Carlos Bahiana ofereceu-lhe o cargo de diretor de Telecomunicações da Siemens do Brasil ou de encarregado do Centro de Estudos de Telecomunicações da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – o famoso e respeitado Cetuc. Roberto Campos convidou-o para participar da direção da Plessey do Brasil. Após alguma reflexão, optou pela Siemens.

“Foi difícil deixar a carreira na Marinha, porém tomei a decisão firme de olhar para frente e enfrentar uma vida diferente daquela que vinha tendo”, assim declararia Quandt de Oliveira.

Iniciaria suas atividades na Siemens do Brasil em abril de 1969, quando assumiu o cargo de diretor de Telecomunicações. Inicialmente, deveria aprender a língua alemã, sendo matriculado no Goethe Institute numa pequena aldeia ao sul de Munique, na Alemanha. No seu período na Siemens, necessitou transferir residência para São Paulo, só o fazendo após o término do ano letivo, em decorrência do seu afastamento para o curso na Alemanha – o dele começara em maio, e o da sua esposa em julho.

Ao voltarem, em setembro, Maria ficaria no Rio e Euclides ia para São Paulo na segunda-feira e voltava na sexta-feira. Quando foram morar em São Paulo, suas filhas retornaram aos estudos, exceto a mais velha, Tereza, que iniciara trabalho no jornal *O Estado de S. Paulo*.

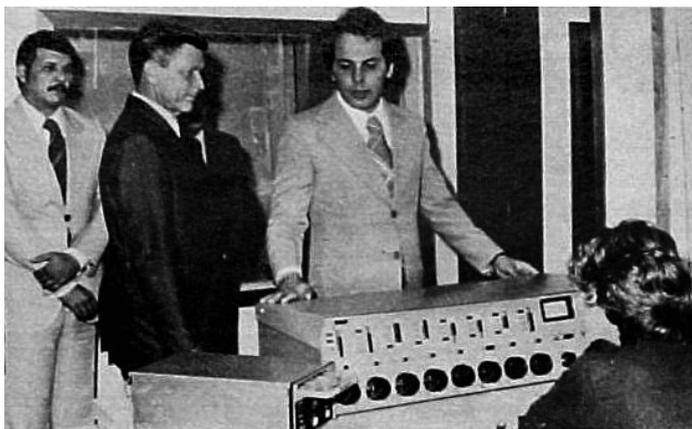
Em 1971, a filha “Tita” (Maria) casou-se com Francisco Alberto Campana. Nessa época, nasceriam seus três primeiros netos: Rafael, filho de Tita; Pedro Alberto, filho de Pedro e Mariana, filha de Euclides.

Na Siemens ficaria até setembro de 1972, quando o ministro das Comunicações, Hygino Corsetti, convidou-o para presidir a Telecomunicações Brasileiras S.A. – Telebras, assumindo em 9 de novembro de 1972, como seu primeiro presidente. Na presidência da Telebras, sua primeira prioridade foi a estruturação empresarial, tendo a Embratel como sua única empresa subsidiária.

Os trabalhos na Telebras foram muito intensos, agora com a determinação governamental para formar um grupo empresarial sob seu controle, cobrindo todos os Estados e Territórios. Com apenas um ano de existência, a Telebras já possuía 22 subsidiárias e cinco empresas associadas. No início de 1973, estabeleceu residência em Brasília, primeiro em um apartamento alugado, depois ocupando a residência funcional da diretoria da Telebras.

## NO MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

Com a eleição de Ernesto Geisel à Presidência da República, Euclides Quandt de Oliveira é convidado para ser o ministro das Comunicações. Euclides relata que tentou demovê-lo da ideia e deixá-lo na Telebras. Geisel não concordou e insistiu no convite. Em 15 de março de 1974,



Ministro Euclides Quandt na inauguração da Rádio Universal FM  
(17 de janeiro de 1977)

assumiu o Ministério das Comunicações, mudando-se para a Península dos Ministros, residência oficial.

Geisel havia sido seu chefe no Gabinete Militar e no Contel e com ele mantivera posteriores relações de amizade. Euclides daria continuidade à política de telecomunicações que vinha sendo implementada pelo seu antecessor, Hygino Corsetti, pois a conhecia bem, em decorrência de seu trabalho na Telebras.

Durante a sua gestão no Ministério, incrementou a nacionalização de equipamentos de telecomunicações, organizou o Sistema Nacional de Telecomunicações, criou o Grupo Executivo da Indústria de Componentes (Geicom) e o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento (CPqD) e dirigiu esforços para o início da fabricação no Brasil dos equipamentos de comunicações mais usados. Durante esse período, Euclides teve grande preocupação e envolvimento no trato da radiodifusão.

Em 1975, iniciaria a construção de sua casa própria, projetada pelo filho Euclides, em um dos terrenos que comprara com a venda do apartamento em São Paulo. Logo se mudariam para a nova casa. Enquanto em Brasília, nasceriam mais cinco

netos: Luiz Guilherme, filho de Pedro; Cristina e Clara, filhas de Euclides; e Gabriel e Bernardo, filhos de Tita.

Em 15 de março de 1979, transmitiu o cargo de ministro das Comunicações para Haroldo Corrêa de Mattos, que fora o presidente da Embratel durante o seu tempo no Ministério. Nos últimos dias

no Ministério, receberia alguns convites ou consultas para trabalho: presidente da Cosipa, da Vasp ou da Eletropaulo. Quase aceitou a Eletropaulo, recusando por ter vislumbrado um viés político, que não lhe agradaria.

Depois recebeu convite para presidir a Transit, empresa produtora de semicondutores, com fábrica em Montes Claros, Minas Gerais. Aceitaria pelo fato de se tratar de assunto em que possuía experiência e considerava como uma área essencial para a consolidação e evolução das telecomunicações no Brasil.

Mais uma vez voltaria ao ritmo de vida da semana na cidade de trabalho, agora Belo Horizonte, e o final de semana com a família em Brasília. As filhas Tereza e Margarida estudavam na Universidade de Brasília (UNB). Em julho todos se mudaram para BH. Em outubro de 1980 sairia da Transit.

Em 1981 participaria, a convite da Unesco, de um grupo de trabalho que se reuniria em Quito, Equador, com a finalidade de elaborar um conjunto de normas e regras com o propósito de assegurar aos povos dos países em desenvolvimento o direito de acesso a uma imprensa livre.

Depois dessas experiências empresariais, Quandt de Oliveira se dedicaria a trabalhos de assessoria em diversos setores industriais e empresariais voltados às telecomunicações. Destacam-se os realizados na Splice do Brasil Telecomunicações e Eletrônica Ltda, em Sorocaba (SP); na Secretaria Especial de Informática e na TV Bandeirantes.

Em 1983 a Splice adquiriu o controle de uma empresa construtora de redes de cabos telefônicos e passou a se chamar Serviços Elétricos e Telefônicos – Selte. Assumiu a direção dessa empresa e passaria a dedicar a ela a maior parte de seu tempo. Exerceria, ainda, a Presidência da Editora de Catálogos Telefônicos do Brasil S.A. e a Presidência do Conselho Diretor, cargo este que manteve até 1999, quando cessaria definitivamente todas as suas atividades profissionais.

No início de 1982 decidiu sair de BH e mudar-se para o Rio de Janeiro, em apartamento alugado na Gávea. Manteria um apartamento alugado em São Paulo e voltaria à ponte aérea Rio-São Paulo-Rio. Sua filha Margarida ficara em BH trabalhando no Banco do Brasil e já casada. No período de BH, ganharia mais três netos: Eduardo Henrique, filho de Pedro; Maria, filha de Rosa; e Elisa, filha de Tita. Eram agora 11 netos.

Em 1984 decidiu fixar-se definitivamente no Rio de Janeiro, vendeu sua casa em Brasília e adquiriu um apartamento na Gávea, indo morar com sua esposa Maria e o neto Rafael. E em 1985 decidiu ficar mais tempo junto com sua querida esposa, fechando o apartamento em São Paulo e concentrando os trabalhos no Rio de Janeiro.

Em 1991 decidiu reduzir mais ainda suas atividades e, juntamente com João Ferreira Durão, criou a firma QDP Assessoria, com sede no bairro do Engenho Novo, cidade do Rio de Janeiro.

Em 1996 sua querida esposa Maria de Lourdes tivera um pequeno acidente vascular que, somado a problemas cardíacos, ao mal de Parkinson e à arteriosclerose, o fez abandonar suas atividades profissionais e passar a se dedicar a ela.

Em 1997 voltaram para Petrópolis, para o mesmo apartamento onde passaram as suas luas de mel. Levariam uma vida de integral dedicação um ao outro. Maria faleceria em 2004, deixando muitas saudades.

Euclides Quandt de Oliveita era um homem de hábitos simples, que tratava com especial bondade as pessoas que o serviam. Gostava de fazer longas caminhadas e ler.

### **MOMENTOS, SELECIONADOS POR ELE PRÓPRIO, QUE MARCARAM SUA VIDA**

Um deles foi a entrada para a Escola Naval, onde se adaptara muito bem à disciplina e aos padrões éticos e de conduta que lhe foram ensinados. Considerava que os bons resultados que alcançara na vida foram conseqüências dessa preparação inicial e desses ensinamentos.

Os primeiros anos da vida naval, especialmente a de bordo, marcaram sua formação pessoal e profissional. “Aprendi que sozinho ninguém é capaz de realizar trabalhos de grande importância. São sempre indispensáveis a cooperação e a participação, direta ou indireta, de outras pessoas, e os bons resultados obtidos devem ser sempre atribuídos a todas elas”, comentava.

Outro grande aprendizado, também advindo da Marinha, foi que, ao se receber uma incumbência, deve-se fazer o máximo de esforço para levá-la a cabo, mesmo que nos pareça que ela está além da nossa própria capacidade.

Destaca a instalação e a montagem da Escola de Eletrônica no CIAW, outro

grande marco, assim como o seu período de recebimento e embarcado no Cruzador *Tamandaré* e a sua participação no processo de aquisição e reforma do NAE L *Minas Gerais*. Por fim, a participação no “renascimento” das telecomunicações brasileiras, com a criação do Contel, do Fundo Nacional de Telecomunicações, da Telebras e da Embratel.

Veio a falecer na madrugada de 19 de julho de 2013, aos 93 anos de idade. Nos últimos anos de sua vida, deixaria registrado o quanto devia à Marinha por tudo o que a instituição lhe ensinou e proporcionou, e à sua querida amada esposa Maria, sustentáculo de sua vida pessoal e de quem tinha tantas saudades.

Teve seis filhos, 11 netos, dez bisnetos e inúmeros amigos, deixando muitas saudades em todos. Em seus 93 anos,

preservou como bens mais preciosos sua integridade e honestidade. E sua dedicação ao setor resultou em um trabalho extraordinário de interligação do Brasil pelas telecomunicações.

Em documentário realizado no ano de 2012, em sua homenagem, pela Telebrasil (acesso no portal [www.telebrasil.org.br](http://www.telebrasil.org.br)), Quandt cita o poeta Francisco Octaviano: “Quem passou pela vida em branca nuvem, e em plácido repouso adormeceu; quem não sentiu o frio da desgraça, quem passou pela vida e não sofreu, foi espectro de homem, não foi homem, só passou pela vida, não viveu”.

Foi muito fácil e prazeroso escrever sobre Euclides Quandt de Oliveira. O Brasil lhe será eternamente grato por tudo o que pôde deixar de legado para o desenvolvimento das telecomunicações brasileiras.

#### 📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<PESSOAL>; Carreira; Corpo da Armada; Reserva; Servidor Público;